

# Autismo

compreender & agir em sociedade

Abril Azul - Mês de Conscientização do Autismo

Fortaleza/CE - 2022



## **ORGANIZAÇÃO**

Comitê de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT)

Alaise Azevedo Rodrigues Mota  
Aline Carvalho de Albuquerque  
Carolina Lasmar de Lima  
Kleirton Ibiapina Alves  
Renata Ramalho de Queiroz  
Rosaly Freire Rabelo  
Silvana Vieira Santos  
Soraya Vieira Neves

## **EDITORAÇÃO E MONTAGEM**

Seção de Editorações e Publicações (SEEDIT)

Nagila Maria de Melo Angelim  
Francisco Lucilênio Gonzaga Vanderley  
Francisco Telésforo Celestino Junior  
Natane Dantas Moreira

Esta cartilha foi confeccionada nas fontes Fredoka e Grandstander, e editada pelo Tribunal Regional Eleitoral do Ceará em abril de 2022.



Neste mês em que se celebra o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, o Comitê de Qualidade de Vida no Trabalho – QVT, buscou informações sobre a realidade das pessoas com transtorno do espectro autista - TEA, entrevistando uma especialista na área e servidores do TRE que vivenciam diariamente essa realidade em seus lares.

A profissional entrevistada foi a psicóloga clínica Renata Lima, que já realizou pesquisas e trabalhou com pais e crianças com autismo. Os nomes dos servidores entrevistados foram omitidos com o intuito de preservar sua identidade.

O objetivo desse trabalho foi contribuir com a campanha mundial pela conscientização do autismo, dar maior conhecimento sobre os principais fatores e características que envolvem o TEA, desmistificar o assunto e sensibilizar para a realidade das pessoas que vivenciam o transtorno em suas famílias no âmbito do TRE-CE.





# SUMÁRIO



<b>Entrevista com Psicóloga</b>	<b>04</b>
<b>Entrevista 1</b>	<b>07</b>
<b>Entrevista 2</b>	<b>10</b>
<b>Entrevista 3</b>	<b>13</b>
<b>Entrevista 4</b>	<b>16</b>
<b>Entrevista 5</b>	<b>18</b>
<b>Entrevista 6</b>	<b>22</b>



# ENTREVISTA COM PSICÓLOGA

## 1. O que é autismo?

Autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do desenvolvimento que leva a comprometimentos na comunicação e interação social, abrangendo comportamentos restritivos e repetitivos. Geralmente se inicia nos primeiros anos de vida.

## 2. Existem diferentes graus de autismo?

Sim, por isso é chamado de “espectro”. Existe uma grande heterogeneidade de um autista para outro. Classifica-se em graus: leve, moderado e severo. O que separa uma condição da outra é a análise da intensidade dos sintomas que definem o transtorno: comunicação verbal ou não-verbal, interação social, intensidade de estereotipia, manias e repetições, assim como a intensidade dos seus interesses restritos. O mais importante é conhecer cada indivíduo, com suas potencialidades, e a partir daí desenvolver as melhores estratégias para o desenvolvimento da criança.

## 3. Como é o diagnóstico?

Normalmente os sinais do TEA podem ser percebidos logo na primeira infância. Profissionais como pediatra, neuropediatra e neuropsicólogo(a) podem diagnosticar uma criança com autismo. Não existem marcadores biológicos ou exames específicos. O diagnóstico consiste em uma observação sistemática do comportamento e do desenvolvimento da criança com outras crianças e com adultos. Quanto antes for realizado o diagnóstico, melhores serão os resultados das intervenções e tratamentos. O diagnóstico precoce é o caminho mais eficaz para reduzir os prejuízos causados pelo transtorno.

## 4. O que desencadeia o transtorno?

Não há uma causa única. Assim como o autismo é um espectro, há um espectro de etiologias. Algumas associações:

- Idade avançada dos pais;
- Durante a gravidez, enquanto o cérebro do feto se desenvolve, a exposição a alguns agentes pode aumentar o risco de autismo. O ácido valpróico, tomado por mães com epilepsia, é um desses agentes;
- Agentes infecciosos;
- Genes que podem causar o autismo.

Atualmente já se sabem que há mais de mil genes relacionados ao transtorno.

## 5. Existe tratamento? Como funciona?

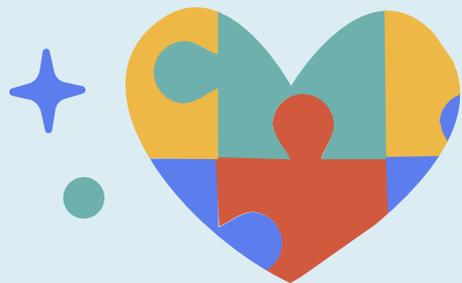
Sim, como comentei, é muito importante que o diagnóstico seja feito o mais cedo possível. Nosso cérebro tem uma propriedade vitalícia que é a neuroplasticidade (capacidade de o cérebro reorganizar suas vias neurais com base em novas experiências). Quanto mais cedo se fazem intervenções e tratamentos melhor serão os resultados. Dependendo do grau do Autismo se recomenda tratamentos específicos, geralmente são os seguintes os profissionais que trabalham com TEA: neurologista, psiquiatra, psicólogo(a), fonoaudiólogo(a), pedagogo(a), terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, educador(a) físico, entre outros.

Os tratamentos envolvem quatro eixos: comportamento, desenvolvimento, comorbidades e abordagem escolar. Intervenção medicamentosa, tratamento fonoaudiológico, terapia ocupacional e tratamento psicológico e comportamental são os mais comuns. Musicoterapia e terapia com animais também são tratamentos indicados para alguns casos. O ideal é que o tratamento seja multidisciplinar.

## 6. Qual o papel dos pais na criação e educação de um(a) filho(a) autista? De que maneira eles podem contribuir para o desenvolvimento da criança?

Os pais têm um papel fundamental na criação e educação dos filhos. É importante estar atento ao desenvolvimento da criança e se há sinais com as características do transtorno, dessa forma podem buscar profissionais para definir um diagnóstico precoce. Estudar e entender sobre o TEA, pode ajudar bastante os pais dos filhos com autismo. Proporcionar os tratamentos indicados com uma equipe multidisciplinar pode contribuir para que a criança tenha um desenvolvimento, com redução de prejuízos.

É comum os pais se sentirem sobrecarregados, por isso lhes aconselho a buscarem ajuda para eles próprios. A presença dos pais é fundamental para o desenvolvimento das crianças, e o ideal é que esses estejam fortalecidos e equilibrados emocionalmente. Existem associações de pais com filhos com autismo que normalmente tem palestras, encontros e rodas de conversas que confortam e revigoram os pais. É importante lembrar que para além do diagnóstico existe uma criança com muitas potencialidades e com os devidos tratamentos ela irá se desenvolver.



**Renata Lima**  
**Psicóloga Clínica**  
**CRP 11/14995**  
**WhatsApp: (85) 988028926**  
**Email: relimapsico@gmail.com**





# ENTREVISTA 1



## 1. Como você descobriu o autismo do(a) seu(sua) filho(a)?

Com 2 anos, a pediatra solicitou um parecer da fonoaudióloga da escola, uma vez que nosso(a) filho(a) ainda não falava. Aguardamos até os 2 anos e meio e então ele(a) passou a ser acompanhado(a) pela neuropediatra, que o(a) encaminhou para a fonoaudióloga e terapeuta ocupacional. Nessa época não tivemos um diagnóstico fechado mas já fomos encaminhados para as terapias. A principal queixa era o atraso na fala e o não atendimento a comandos simples, como ser chamado(a) pelo nome. O diagnóstico só foi concretizado anos mais tarde.

## 2. Como é ser mãe/pai de uma criança autista?

Não é fácil. Todo dia a gente aprende um pouco sobre a criança/adolescente e sobre si. Há muitos momentos difíceis em que você se sente exausto(a). O dia a dia requer muita paciência, tolerância e resignação. Somos obrigados a procurar novas estratégias diariamente. Mas apesar de tudo isso, os momentos bons também existem como em qualquer outra família.

## 3. Você já passou por alguma situação desconfortável em decorrência da deficiência do(a) seu(sua) filho(a)?

Sim. Várias. A mais comum é ouvir piadas quando se está na fila preferencial. A grande maioria das pessoas ainda acha que todas as deficiências são visíveis e no caso do autismo, não é. Então as pessoas olham e julgam erroneamente como

se você estivesse se aproveitando de um benefício que não é seu. Também já aconteceu do(a) meu(minha) filho(a) ter comportamentos inadequados em público e a gente sente os olhares maldosos de julgamento.

#### **4. Como é a sua rotina em relação à casa, trabalho e os cuidados com seu(sua) filho(a)? Quais as suas maiores dificuldades?**

É difícil. Mesmo quando crescem, você não pode deixá-los sozinhos em casa, então, é preciso sempre ter alguém disponível, ou você mesmo se sacrifica ou sacrifica o seu trabalho, o seu lazer, o seu descanso, etc. O tempo de escola também precisa ser acompanhado e aí é uma outra batalha para que a escola atenda às necessidades e aos direitos do(a) seu (sua) filho(a). Em casa nem sempre você consegue fazer o que precisa, ou descansar quando quer, porque precisa dar atenção ao(a) filho(a), ou contornar alguma situação de crise que surja, e isso nunca é rápido. Muitas vezes, no final do dia, sua energia e paciência já estão comprometidas pelo cansaço. A rotina do dia a dia pode ser bem pesada.

#### **5. Você sente que a sociedade compreende as condições do autismo e os fatores envolvidos na educação de um(a) filho(a) autista?**

Com certeza não compreende. A redução da carga horária de trabalho do responsável, por exemplo, é um direito da criança/adolescente com autismo. É direito da pessoa com deficiência ter o acompanhamento de seu responsável, mas isso ainda é visto, mesmo aqui no TRE, como um privilégio. As pessoas não tem a menor noção da rotina de uma família atípica. Ao contrário de uma criança típica, que com o passar dos anos vai crescendo e se tornando mais autônoma, no caso do autismo, as condições podem até piorar e ser necessário um acompanhamento ainda maior.



## 6. Você gostaria de deixar uma mensagem sobre a importância da conscientização do autismo?

Sim. As pessoas autistas têm toda uma potencialidade a desenvolver. Muito acham que eles não tem capacidade de aprendizado, por exemplo, o que não é verdade. Costumamos rejeitar tudo que é diferente ou que está fora dos padrões. Como todos nós, eles tem seus limites e precisam ser respeitados. Na verdade, eles só precisam ser estimulados a partir de suas próprias motivações. É preciso que a nossa sociedade crie espaços produtivos não só para as pessoas autistas como para qualquer pessoa com deficiência.



# ENTREVISTA 2



## 1. Como você descobriu o autismo do(a) seu(sua) filho(a)?

Em família já percebíamos que a linguagem da nossa criança era insuficiente para a idade, mas foi a observação da escola, de que ela também não socializava como esperado, que nos fez perceber a urgência de uma avaliação multiprofissional. Depois do diagnóstico conseguimos reconhecer que ela também teve várias regressões em habilidades que já havia adquirido, mas que não percebíamos porque nos apegávamos à ideia de que se ela já tinha feito uma série de coisas (como imitar, ter um vocabulário mais amplo ou ter interesse em socializar com outras crianças da mesma idade), ela permanecia capaz de fazer.

## 2. Como é ser mãe/pai de uma criança autista?

Pra mim é doloroso, cansativo, muito preocupante e às vezes solitário. Não por falta de amor, mas justamente porque a gente ama tanto e sabe que essa pessoa precisa de muita assistência pra atingir seu potencial (que a gente nem sabe qual é!); que ela passa e vai continuar a passar por muito preconceito ao longo da vida; que às vezes mesmo a gente que ama tem dificuldade de entender e lidar com ela, então pressupomos que será ainda mais difícil pra quem não tem vínculo emocional e porque a gente não sabe o que será dos nossos filhos quando a gente morrer. Só entende de verdade quem vive na pele.



### **3. Você já passou por alguma situação desconfortável em decorrência da deficiência do(a) seu(sua) filho(a)?**

Até hoje nada muito explícito, mas já percebi olhares de desprezo ou de julgamento quando minha criança se comporta de forma diversa do que seria esperado pra idade e já tive que lidar com gente que, mesmo sem conhecer, não queria recebê-la por causa do diagnóstico, ainda que desse outra (frouxa) justificativa.

### **4. Como é a sua rotina em relação à casa, trabalho e os cuidados com seu(sua) filho(a)? Quais as suas maiores dificuldades?**

É difícil conciliar tudo, são muitas terapias somadas às necessidades escolares, domésticas (inclusive de outros familiares) e de trabalho. Costumo dizer que trabalho da hora que acordo à hora que vou dormir, só muda o “empregador” ao longo do dia.

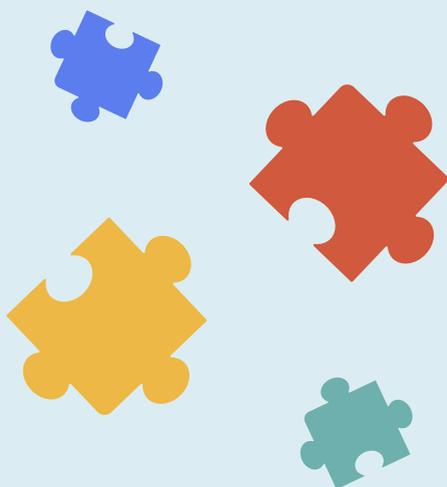
### **5. Você sente que a sociedade compreende as condições do autismo e os fatores envolvidos na educação de um(a) filho(a) autista?**

Creio que não. Há muito preconceito, fruto do desconhecimento de muitos e do capacitismo introjetado por outros tantos. Um autista mais desenvolvido e independente tende a ter as suas dificuldades desconsideradas, enquanto que os que são mais comprometidos são tidos pelas pessoas em geral como incapazes de aprender e até de viver em sociedade. E pros pais de pessoas com deficiência pesa ainda a ideia (às vezes expressa, às vezes subjacente) de que todas as adequações, criadas para reduzir as barreiras e favorecer o desenvolvimento e inserção social dos autistas, como a inclusão escolar, filias preferenciais e, no caso do

serviço público, horário especial, são tidos como “benesses” ou “vantagens” e não o que realmente são: direitos, instituídos em decorrência do direito humano ao tratamento digno e igualitário e à convivência social.

## **6. Você gostaria de deixar uma mensagem sobre a importância da conscientização do autismo?**

Autistas são pessoas. Por mais que pareça uma obviedade, faz-se necessário dizer isso em voz alta, pra que todos quebrem as barreiras dos preconceitos que muitas vezes nem percebem que têm. Não são anjos, não são inferiores, são simplesmente pessoas, com suas peculiaridades e individualidades. E, como pessoas, precisam de respeito, de cuidado, de acolhimento, de oportunidades e de dignidade. Como pessoas, têm direito a ocupar os espaços sociais sem ser segregados por serem quem são. Conhecer o autismo, com suas características e necessidades, é contribuir para que essas pessoas autistas e os seus entes queridos sejam tratados pelo Estado e pela sociedade como as pessoas que são e para que possam se tornar as pessoas que são capazes de vir a ser.



# ENTREVISTA 3



## 1. Como você descobriu o autismo do(a) seu(sua) filho(a)?

Não foi fácil, era mãe/pai de primeira viagem e não tinha experiências com crianças, contudo observava alguns fatos como falta de direcionar o olhar, sorriso para objetos luminosos e a medida que ele(a) ia crescendo a dificuldade em falar, andar e aparentemente em escutar.

Conversávamos com a pediatra e sempre eramos tranquilizados com a frase “Cada criança tem seu tempo” e mesmo começando a desconfiar que havia algo diferente como nosso(a) filho(a), não acreditávamos que poderia ser autismo, seja pelo fato que ele(a) não possuía todas as características do autismo ou mesmo parte delas, ou simplesmente achávamos que seria apenas um atraso no desenvolvimento. Após muitas consultas, exames e conversas com profissionais da área, nosso(a) filho(a) teve o diagnóstico que estava dentro do espectro autista (TEA) confirmado aos 3 anos de idade.

## 2. Como é ser mãe/pai de uma criança autista?

É desafiador, pois temos que preparar nosso(a) filho(a) para uma sociedade que não é está preparada para ele(a).

## 3. Você já passou por alguma situação desconfortável em decorrência da deficiência do(a) seu(sua) filho(a)?

Ter um filho(a) autista é quase uma certeza passar por alguma situação desconfortável, seja em casa ou em locais públicos, a dificuldade que a criança tem de expressar o que está sentindo ou querendo, ou melhor dizendo de nós pais e

outras pessoas entenderem o que elas querem é enorme, o que leva a parecer para os que veem a situação de fora que é uma criança mal educada, birrenta, enfim que os pais são os culpados pelas crises da criança.

#### **4. Como é a sua rotina em relação à casa, trabalho e os cuidados com seu(sua) filho(a)? Quais as suas maiores dificuldades?**

A rotina é voltada para ele(a), pois as terapias e acompanhamentos domiciliares consomem grande parte do nosso tempo. Com a redução da jornada de trabalho autorizada pelo tribunal consegui melhorar os cuidados com meu(minha) filho(a).

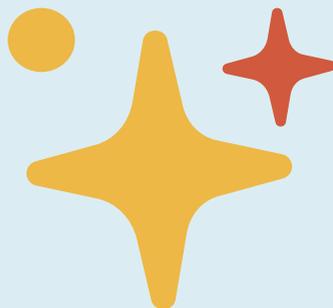
#### **5. Você sente que a sociedade compreende as condições do autismo e os fatores envolvidos na educação de um(a) filho(a) autista?**

Vivemos em uma sociedade com muitas cobranças de resultados, muito individualista, não atenta as dificuldades dos outros, onde é estabelecido um padrão que todos devem seguir e quem não se enquadra nesse padrão fica automaticamente excluído. A maioria das escolas não possuem e/ou não têm métodos para adaptar o aprendizado para nossos filhos(as) que estão dentro do espectro autista, mesmo sendo obrigados por lei.



## 6. Você gostaria de deixar uma mensagem sobre a importância da conscientização do autismo?

O respeito em uma sociedade é um valor inestimável e, para que haja esse respeito, precisamos conhecer o outro. Daí a importância da conscientização sobre o autismo com campanhas nas redes sociais, TV e, principalmente, nas escolas, uma vez que crianças e futuros adultos conscientes serão capazes de respeitar qualquer tipo de diferença e construir uma sociedade melhor.



# ENTREVISTA 4

## **1. Como você descobriu o autismo do(a) seu(sua) filho(a)?**

Através de uma consulta com um médico neuropediatra.

## **2. Como é ser mãe/pai de uma criança autista?**

Muito desafiador. Não existe rotina. Todos os dias são diferentes um do outro. Medo que parta antes dele(a) é uma constante.

## **3. Você já passou por alguma situação desconfortável em decorrência da deficiência do(a) seu(sua) filho(a)?**

Sim. Várias vezes. Principalmente quando a meu/minha filho(a) se desorganiza e vira o centro das atenções. Raramente as pessoas entendem o que é o autismo e tentam ajudar. Muitas vezes só para criticar mesmo.

## **4. Como é a sua rotina em relação à casa, trabalho e os cuidados com seu(sua) filho(a)? Quais as suas maiores dificuldades?**

Terapia-Escola-Contra turno. No momento não está em escola regular. Maiores dificuldades: falta de escolas que estejam preparadas para receber alunos dentro do espectro. Falta de preparação de profissionais especializados em autismo. Falta de conhecimento do que é o autismo de verdade- muitas pessoas só acham que são os gênios. Muitos terapeutas não aceitam planos de saúde. Alto valor das terapias e consultas com médicos especializados.

## **5. Você sente que a sociedade compreende as condições do autismo e os fatores envolvidos na educação de um(a) filho(a) autista?**

Muitas vezes não. Muitas vezes a própria família não entende. A sociedade como um todo muitas vezes não entende e não se esforça para ajudar.

## **6. Você gostaria de deixar uma mensagem sobre a importância da conscientização do autismo?**

O autismo está aí. Cada vez mais crianças, adolescentes e adultos estão sendo diagnosticados, principalmente as crianças. Não adianta fechar os olhos. Cabe a sociedade e ao poder público reconhecer essa realidade e implementar os direitos garantidos pelos autistas.



# ENTREVISTA 5



## 1. Como você descobriu o autismo do(a) seu(sua) filho(a)?

Percebi o atraso no seu desenvolvimento e aos 7 meses levei ele(a) ao Neuropediatra. Ele não disse nada e mandou esperar. Quando ele(a) tinha 1 ano e 2 meses, levei em outra Neuropediatra e ela deu o diagnóstico de autismo. Graças a essa Neuropediatra, pude iniciar a intervenção precoce.

## 2. Como é ser mãe/pai de uma criança autista?

Bastante desafiador, porque a vida muda completamente.

1º) Os comportamentos do(a) nosso(a) filho(a) faz com que a gente deixe de ir na casa das pessoas, também não conseguimos receber as pessoas em nossa casa, festas de aniversário e na escola passam a ser um grande desafio.

2º) A rotina de Terapias, supervisão com os terapeutas, cursos sobre análise do comportamento, etc.

3º) As despesas com as terapias são bem maiores do que um dia pudesse imaginar gastar, mesmo tendo plano de saúde, já que os profissionais capacitados ainda são poucos e cobram caro por seus serviços.

4º) O casamento fica completamente instável, já que, no meu caso, por exemplo, o pai/mãe logo se cansa de toda essa rotina de terapias e crises de birras e passa a viver como se nada disso fosse responsabilidade dele(a) e só vai se distanciando nos momentos ruins e estando presente nos momentos bons.

### **3. Você já passou por alguma situação desconfortável em decorrência da deficiência do(a) seu(sua) filho(a)?**

Sim. Várias vezes. A mais marcante foi uma **CRISE DE PÂNICO** que meu/minha filho(a) teve dentro do avião, mas como ele(a) fala, os passageiros acharam que ele(a) era mal educado(a) e mimado(a). Um senhor, ao desembarcar, disse que ele(a) era um “menino(a) bom/boa de peia”.

### **4. Como é a sua rotina em relação à casa, trabalho e os cuidados com seu(sua) filho(a)? Quais as suas maiores dificuldades?**

Bom, ele(a) ainda não fica sozinho na escola. Precisa de uma Acompanhante Terapêutica. Mas o horário que ele(a) está na escola, eu trabalho. No outro turno tem as terapias tanto na clínica como em casa. E tem as supervisões com os terapeutas da Análise do Comportamento. As reuniões com os professores e Acompanhante Terapêutica. E no meu caso, em particular, como moro no interior, tem as viagens para outras terapias (variam entre mensais, quinzenais, semanais).

### **5. Você sente que a sociedade compreende as condições do autismo e os fatores envolvidos na educação de um(a) filho(a) autista?**

Não. Nem poderiam. Não os culpo. Precisam conhecer para compreender.



## 6. Você gostaria de deixar uma mensagem sobre a importância da conscientização do autismo?

A conscientização sobre o autismo é muito importante para a compreensão de que as pessoas autistas necessitam de ADAPTAÇÕES muito particulares e nem sempre visíveis. Por isso que se faz necessário um amplo esclarecimento para a família, para a escola, para o posto de saúde, órgãos públicos, transporte, locais de lazer. Onde quer que a pessoa autista possa habitar e viver.





“ Preparar a pessoa autista para viver nesse mundo (com qualidade de vida) e preparar o mundo para acolher a pessoa autista é o desafio do momento. ”



# ENTREVISTA 6



## 1. Como você descobriu o autismo do(a) seu(sua) filho(a)?

Fui chamada pela psicopedagoga do colégio do meu filho para uma reunião. Ela relatou algumas situações em que ele agiu de maneira que chamou a atenção dela, como por exemplo se recusar a mudar de atividade enquanto não concluísse a que estava fazendo e irritabilidade persistente, e que seria interessante que eu procurasse um neuropediatra ou psicóloga.

Marquei com neuro e já iniciei terapia com psicóloga imediatamente. Ela fez algumas sessões com ele e marcou uma visita à escola para fechar sua avaliação. Posteriormente, em uma sessão comigo e com meu esposo, ela nos informou que nosso filho era autista leve, antigo Asperger. O diagnóstico foi fechado meses depois após consulta com neuropediatra.

## 2. Como é ser mãe/pai de uma criança autista?

Ao descobrir passei por um período de negação, onde tentei descartar as características justificando com outros motivos. Depois de confirmado o diagnóstico, passei pela fase do medo do desconhecido, da frustração de não ter percebido antes e também enfrentei, e ainda enfrento, o receio do preconceito e das dificuldades que meu filho teria diante de uma sociedade tão preconceituosa e que exclui todos aqueles não tidos como “normais”.

Foi então que procurei me informar melhor sobre o assunto, para que não fosse mais algo tão assustador. Descobri o quanto está cada vez mais comum pessoas sendo diagnosticadas com autismo e o quanto seria fundamental me doar o máximo para

que meu filho tivesse qualidade de vida, mesmo com suas limitações.

Hoje o autismo não me assusta tanto quanto antes. Já sei o que fazer para evitar as crises e quais as situações que o deixam desconfortável. As terapias me trazem segurança quanto ao desenvolvimento dele. Hoje aprendi a comemorar as vitórias, as evoluções dele e também aprendi que momentos de crises continuarão existindo, porém de maneira muito mais leve devido o tratamento adequado. É muito gratificante observar o quanto ele está feliz e o quanto evoluiu depois do diagnóstico.

### **3. Você já passou por alguma situação desconfortável em decorrência da deficiência do(a) seu(sua) filho(a)?**

Sim, a maioria das vezes são situações em que estamos fora de casa e por ele estar cansado, com sono ou por ter sido exposto a muita interação, brincadeiras, contato com várias pessoas, ele acaba se irritando com facilidade, fala alto e preciso acalmá-lo ou até mesmo retirá-lo daquele local. Sinto que nesses casos, as pessoas em volta me olham como se julgassem uma cena de birra onde os pais acabam cedendo aos caprichos da criança. Isso ainda me incomoda, porém estou trabalhando essa questão em mim de maneira que eu não me importe mais com julgamentos.

### **4. Como é a sua rotina em relação à casa, trabalho e os cuidados com seu(sua) filho(a)? Quais as suas maiores dificuldades?**

Meu filho se dá muito bem com rotina, por isso procuro evitar mudanças no dia a dia. Eu saio para trabalhar bem cedo, antes dele acordar para que eu possa estar em casa à tarde com ele. O pai vai deixar ele e o irmão em colégios diferentes.



Procurei uma escola mais acolhedora, mais lúdica, onde eu me sentisse mais confortável e mais segura em deixá-lo. É uma escola mais distante de casa mas que me dá um ótimo retorno. São profissionais muito competentes.

Ele almoça em casa depois que o pai vai buscá-lo no colégio e logo depois eu já retorno do trabalho. Faço as tarefas com ele no período da tarde e acompanho as brincadeiras, principalmente os desenhos que ele gosta de fazer. A terapia com psicóloga é semanal no período da noite. Por fim, sempre procuro colocá-lo para dormir bem cedo pois já identifico que quando não dorme bem ou dorme pouco se irrita com mais facilidade no outro dia, tanto na escola como em casa.

Minhas maiores dificuldades são seguir os horários, sem atraso, para não mexer na rotina dele que é o fator desencadeador de crises e irritações, conseguir reduzir o uso de celular, que também ocasiona mudança de humor e também tenho muita dificuldade de chegar em casa depois do trabalho e não poder cuidar das tarefas de casa, pois ele exige muito minha companhia durante as brincadeiras dele. Me sinto muito sobrecarregada por trabalhar fora e ainda ter que adequar todos os horários para dar conta de tudo e ainda evitar mexer na rotina dele.



## **5. Você sente que a sociedade compreende as condições do autismo e os fatores envolvidos na educação de um(a) filho(a) autista?**

Não. Eu sinto que a sociedade não está interessada no que você faz ou deixa de fazer, de acordo com a realidade de quem convive com o diagnóstico de autismo. Muitas vezes não consigo chegar num certo horário no trabalho, por exemplo, porque naquele dia meu filho não acordou de bom humor. Não posso apressá-lo para sair de casa, pois isso ocasionaria uma crise, dentre outras situações. A falta de informação das



pessoas me fazem muitas vezes ouvir que bastaria ser mais firme, não ceder às birras, sendo que eu sei que não se trata disso, mas mesmo assim sou julgada. Passo algumas vezes por dificuldades fora de casa exatamente por estar evitando uma dificuldade dentro de casa com meu filho.

## 6. Você gostaria de deixar uma mensagem sobre a importância da conscientização do autismo?

Busquem informações sobre o autismo ainda que você não conviva com alguém diagnosticado. A informação te ajudará a não julgar, não agir de maneira preconceituosa e a ter mais empatia com os diagnosticados e com seus parentes. A falta de conhecimento faz com que o capacitismo se espalhe cada vez mais. Diversas frases inapropriadas são ditas todos os dias, como: “você é tão lindo, nem parece autista”, “mas você é tão inteligente, nem parece autista”, “mas autista não fala”, “autistas são anjos”, “você é mãe de um anjo azul”, “coitado é autista”, “ser autista está na moda”, “ah, então eu sou autista também porque não gosto disso ou daquilo” etc.

Autista não são anjos, não existe uma cara de autista e não é questão de querer ser por estar na moda. Autistas são pessoas como outra qualquer, que merecem respeito e que precisam ter seus direitos garantidos. Não duvidem de diagnósticos, não questionem as necessidades especiais, nem o direito à prioridade.

